

Maktub

Não tenho mais dúvida.

Antes, hesitava entre crer na causa primeira de todas as coisas ou conformar-me com os efeitos órfãos da casualidade.

Não trato aqui, propriamente, de minha fé ou não em Deus. Mas de um desígnio d'Ele, de uma força subalterna com delegação de competência.

Refiro-me tão somente à eficácia do Destino - esse funcionário do Senhor que, sentado à mesa de fatídicos despachos, vai buscar o homem, lá embaixo, e o traz à face do Anjo da Morte.

O homem, ao longo de sua caminhada, cria suas variantes próprias, veredas em ziguezague sobre o rio da vida; afluentes que cruzam e recruzam, de volta, esse rio maior que deságua, invariavelmente, no mar de todos os rios: o Destino!

Não nos é dado escapar a ele. Uma fatalidade incontornável nos leva a esse grande mar que nos acolhe. Nosso tempo está contado e nossas águas, brandas ou não, estão em inexorável declive.

Fiquei pensando nessas coisas depois de assistir a uma reportagem, no telejornal, noite passada.

Aconteceu durante uma partida de *basebaal*. A bolinha fora rebatida pelo bastão do arremessador de tal maneira violenta - e profética! - que, feito bola de fogo no braço de uma catapulta medieval, seguiu certa - a mando de um despacho fatídico - na direção de um torcedor, no alto das arquibancadas.

No afã de o torcedor apanhá-la e devolvê-la ao jogo, desequilibrou-se; pendeu para a frente, dobrou-se por sobre o alambrado, projetou-se no espaço e estourou o crânio a muitos metros abaixo.

A uma ordem do Anjo, o bastão do arremessador girara ligeiro e a bolinha, friamente, foi buscar o homem na sua hora marcada - somente a ele! - no calor da multidão...

Não tenho mais dúvida.